

TEMA: As Cartas Paulinas
TEXTO: (Novo Testamento)

As Cartas Paulinas

Índice

Introdução

I – O CONTEÚDO DO NOVO TESTAMENTO

II – AS CARTAS PAULINAS

1 – A CARTA AOS GÁLATAS

– Consequências Teológicas da Carta aos Gálatas e Tiago

2 – AS CARTAS AOS TESSALONICENSES

A Segunda Missão à Ásia Menor

– A Missão à Macedônia

– A Primeira Carta aos Tessalonicenses

– A Segunda Carta aos Tessalonicenses

3 – AS CARTAS AOS CORÍNTIOS

– Missão à Acaia

– Missão à Ásia

– A Primeira Carta aos Coríntios

– A Segunda Carta aos Coríntios

4 – A CARTA AOS ROMANOS

Fim da Missão de Paulo

5 – AS CARTAS DA PRISÃO

– A Prisão de Paulo

– Carta a Filemon

– A Carta aos Efésios

– A Carta aos Colossenses

– A Carta aos Filipenses

– Consequências do Aprisionamento de Paulo

6 – AS CARTAS PASTORAIS

– A Igreja Institucional

– A Primeira Carta a Timóteo

– Biografia de Timóteo

– A Carta a Tito

– A Segunda Carta a Timóteo

7 – A AVALIAÇÃO DAS EPÍSTOLAS PASTORAIS

Conclusão – A Autoridade Bíblica do Líder

As Cartas Paulinas

I – O CONTEÚDO DO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento é composto por 27 livros, escritos por 9 autores. Caso Paulo seja considerado o autor de Hebreus, o número de autores cai para 8. Foi escrito em um período de aproximadamente 50 anos, entre 45 d.C. e 100 d.C.

Os 27 livros do Novo Testamento estão divididos em quatro partes:

- Evangelhos
- Atos dos Apóstolos
- Epístolas
- Apocalipse

Nas origens da Igreja, a regra da fé se encontrava no ensinamento oral dos Apóstolos e primeiros evangelizadores. Passado o tempo, sentiu-se a urgência de consignar por escrito os ensinamentos de Jesus e os traços ressaltantes da sua vida. Esta foi a origem dos Evangelhos.

Por outro lado, os Apóstolos alimentavam espiritualmente os seus fieis através de cartas, de acordo com os problemas que iam surgindo. Esta foi a origem das Epístolas.

As Epístolas basicamente doutrinárias são: Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses, Hebreus, Tiago, I e II Pedro, I João e Judas.

Todos os autores do Novo Testamento eram judeus, com exceção de Lucas. Três deles eram apóstolos (Mateus, Pedro e João). Marcos, Judas e Tiago foram ativos no começo da igreja e tiveram contato com os apóstolos antes da morte de Jesus. Lucas e Paulo, mesmo não tendo sido testemunhas oculares do Senhor, eram bem conhecidos daqueles que o foram. Do autor de Hebreus nada se sabe.

A formação do cânon do Novo Testamento aconteceu em quatro estágios:

1. Homens escolhidos por Deus escreveram, inspirados por Ele, a mensagem de salvação para o povo;
2. Cristãos fiéis fizeram cópias dos escritos recebidos e trocavam-nos com outros cristãos;
3. Líderes eclesiásticos espirituais citaram-nos nos seus escritos de instruções à Igreja;
4. O Concílio de Cartago (no IV século) ratificou oficialmente os livros que a nossa Bíblia possui atualmente, por satisfazerem os testes canônicos.

Durante a Reforma Protestante, Martinho Lutero demonstrou dúvida quanto à autoria e canonicidade de alguns livros do Novo Testamento: Hebreus, Tiago, Judas e Apocalipse. No entanto, ao traduzir o Novo Testamento para o alemão em 1522, Lutero traduziu também esses livros, perfazendo ao todo os 27 livros que temos hoje.

Livros Reconhecidos desde Cedo:

Os 4 vangelhos; Atos dos Apóstolos; As 13 cartas de Paulo; I Pedro e I João.

Livros Cujo Reconhecimento Foi Disputado:

II Pedro – Foi uma das cartas mais demoradas para ser reconhecida. A linguagem era diferente de I Pedro, gerando dúvidas sobre sua autoria. Porém era conhecida e usada na igreja primitiva, logo, somente epístolas escritas por apóstolos, ou seus discípulos próximos, eram aceitas nas “liturgias” dos primeiros séculos.

II e III João – Havia dúvidas se foram escritas pelo Apóstolo João ou por um “presbítero” de nome João.

Hebreus - era muito conhecida e usada na igreja, mas seu reconhecimento no Cânon não foi muito fácil, principalmente devido à incerteza quanto à sua autoria.

Tiago – Houve dificuldade para saber qual Tiago foi o autor. Foi severamente criticada por Lutero, pois esse não conseguia conciliar os ensinamentos de Paulo – salvação pela graça; com os ensinos de Tiago – “*a fé sem obras é morta*”. Lutero também discutiu a respeito de Hebreus, Judas e Apocalipse.

Apocalipse – Houve dificuldade em aceitar o apóstolo João como autor – novamente afirmavam que teria sido escrito por um presbítero. Mas a principal dificuldade foi sobre o tema nele tratado (escatologia). Lutero relegou-o a uma posição secundária e disse “*O meu espírito não se sente à vontade com este livro. Há uma única e suficiente razão para tê-lo em pouca estima – que Cristo não é ensinado nem reconhecido*” (Prefácio da Bíblia de Lutero – ano 1522).

II – AS CARTAS PAULINAS

1 - A CARTA AOS GÁLATAS

O segundo escrito que também se originou da controvérsia a respeito da obediência à Lei foi a Carta aos Gálatas. Enquanto Tiago foi escrito para assegurar os padrões éticos e morais, que poderiam vir a se perder na vida dos cristãos, Gálatas foi escrito para reforçar a noção da liberdade cristã. Precisamos alcançar o equilíbrio entre gozar da liberdade cristã sem darmos margem para nossa natureza pecar (“*Tudo me é permitido, mas nem tudo convém. Tudo me é permitido, mas eu não deixarei que nada me domine*” – ICoríntios 6.12).

A palavra *Galácia*, na época de Paulo, podia referir-se a duas regiões: a parte central e setentrional da província da Ásia Menor, ou a região meridional da mesma região. A primeira região foi evangelizada por Paulo nas suas segunda e terceira viagens missionárias. A segunda região incluía cidades como Icônio, Derbe, Listra, e Antioquia da Psídia, evangelizadas por Paulo e Barnabé na sua primeira viagem missionária. É muito mais provável que Paulo tenha escrito a epístola às igrejas do sul da Galácia, uma vez que as cidades mais ao norte da região só foram visitadas por ele após o Concílio de Jerusalém, e as questões suscitadas na Carta aos Gálatas claramente faz referência aos assuntos que seriam discutidos naquele concílio. A carta foi escrita, portanto, por volta do ano 49 d.C.

A seguinte sequência descreve os eventos mais relevantes associados à escrita da carta:

- Paulo e Barnabé pregaram nas cidades do sul da Província da Galácia e, na volta, organizaram as novas congregações (Atos 14.21-23). Sua missão terminou no ano de 48 d.C.

Após Paulo e Barnabé retornarem à igreja de Antioquia, Pedro foi visitá-los. Lá ele teve convívio abertamente com os gentios, até que alguns judeus de Jerusalém chegaram. A partir daquele momento, separou-se dos gentios, evitando comer com eles (Atos 15.1, Gálatas 2.11-14).

- Na época desses acontecimentos em Antioquia, a mesma controvérsia ocorreu nas igrejas da Galácia. Por causa disso, Paulo escreveu a Carta aos Gálatas antes do Concílio acontecer.

Conteúdo

A Carta aos Gálatas é um tratado do princípio espiritual que a salvação é pela fé e não pelas obras. A doutrina dos judaizantes, que dizia ser necessário obedecer à Lei para ser salvo, estava começando a penetrar as igrejas da Galácia. O tom da carta é feroz: Paulo estava indignado com a aceitação por parte dos gálatas desse “novo evangelho”.

- Consequências Teológicas da Carta aos Gálatas e Tiago

Os livros de Gálatas e Tiago ilustram dois aspectos do Cristianismo que parecem contraditórios, mas na verdade são suplementares: a graça e a obediência. Tiago insiste na ética de Cristo, na exigência de que a fé se mostre verdadeira por meio das obras. No entanto, o mesmo Tiago enfatiza a necessidade de transformação do indivíduo por meio da graça de Deus, uma vez que ele disse “*por sua decisão ele nos gerou pela palavra da verdade, a fim de sermos os primeiros frutos de tudo o que ele criou*” (Tiago 1.18).

Gálatas enfatiza a dinâmica do evangelho que produz a ética: “*Cristo nos redimiu da maldição da Lei quando se tornou maldição em nosso lugar, para que em Cristo Jesus a bênção de Abraão chegasse também aos gentios, para que recebêssemos a promessa do Espírito mediante a fé*” (Gálatas 3.13-14). Paulo, no entanto, também tinha preocupações a respeito da vida ética dos cristãos: “Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade, mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; ao contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor” (Gálatas 5.13).

Os aspectos realçados nessas duas epístolas são dois lados de uma mesma moeda. Pelo que somos salvos, então? Pela fé, única e exclusivamente (Efésios 2:8-9). A obediência não tem poder para nos salvar. Então a obediência é desnecessária? Absolutamente! Sem obediência, ninguém verá o senhor (Mateus 7.21 – leia também Romanos 6.1-4). Mas como, se somos salvos pela fé? A obediência é consequência da fé (Romanos 1.5). A fé verdadeira, aquela que tem poder para salvar, produz obediência (Tiago 2.14-26).

A maneira como sabemos se nossa fé é verdadeira é se estamos obedecendo aos mandamentos de Deus. Pense na eletricidade, por exemplo. Ninguém a vê, no entanto podemos sentir os seus efeitos e falarmos a respeito da eletricidade baseados nos seus efeitos. Quando ligamos uma TV (que está funcionando corretamente) na tomada, esperamos que ela ligue, correto? Sabemos que a causa por trás da TV ter ligado é a eletricidade, embora só possamos julgar se ela existe porque a TV ligou. Se a TV não ligar, temos a certeza de que não há eletricidade na tomada. Da mesma forma, se estamos obedecendo aos mandamentos (em verdade e em espírito – João 4.23), sabemos que a causa por trás disso é a nossa fé. Da mesma maneira, se não estamos obedecendo, sabemos que não há fé, e se não há fé, não há salvação.

E o amor? Gálatas 5.6 diz que a fé atua pelo amor, ou seja, ela é expressa por meio das nossas ações amorosas. A Bíblia traz inúmeras passagens que deixam claro que o amor se manifesta por meio da obediência aos mandamentos (João 14.15,21,23,24; 15.10, IJoão 5.3, IIJoão 1.6). A fé, como vimos anteriormente, deve produzir obediência aos mandamentos, para que seja genuína. No entanto, os dois maiores mandamentos envolvem o amor (Mateus 22.36-40). Consequentemente, a fé deve produzir amor, que resume toda a lei de Cristo (Gálatas 5.14). O amor é o alvo das nossas vidas, enquanto a fé é o instrumento que produz o amor verdadeiro e nos capacita a amar. ICoríntios 13.13 diz que os maiores dons espirituais que existem são a fé, o amor e a esperança, e que o maior desses três é o amor.

A fé e a esperança deixarão de existir quando estivermos no céu, pois perderão a sua utilidade. A fé é definida, em Hebreus, como “a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos” (Hebreus 11.1). Quando estivermos no céu, veremos todas as coisas que “Deus preparou para aqueles que o amam” (I Coríntios 2.9). Portanto, não teremos mais a necessidade da fé, tampouco da esperança. O amor, contudo, nunca perece: mesmo no céu, seremos amados e amaremos uns aos outros perfeitamente (ICoríntios 13.8).

2– AS CARTAS AOS TESSALONICENSES.

Após o Concílio de Jerusalém, Paulo e Barnabé retornaram a Antioquia, onde ficaram algum tempo pregando e ensinando. Provavelmente a discussão sobre a necessidade da circuncisão deve ter criado confusão na mente dos discípulos, e foi necessária uma instrução mais sólida. Mas o incentivo missionário não foi esquecido. Uma nova missão foi organizada, desta vez por sugestão de Paulo (Atos 15.36), diferentemente da primeira missão, que tinha sido sugestão da igreja de Antioquia como um todo (Atos 13.1-2). Isso mostra que a liderança de Paulo tinha se estabelecido.

Um aspecto importante da missão está na sugestão de Paulo em Atos 15.36: “*Voltemos para visitar os irmãos em todas as cidades onde pregamos a palavra do Senhor, para ver como estão indo*”. A Evangelização deve ser seguida pela consolidação através da instrução e organização dos convertidos.

Houve uma divergência entre Barnabé e Paulo sobre levar ou não João Marcos (Atos 15.37- 39), e eles acabaram se separando. Barnabé levou João Marcos consigo para Chipre, enquanto Paulo escolheu Silas, que havia sido enviado pela igreja de Jerusalém a Antioquia, e partiram para o norte através da Síria e Cilícia, em direção às fronteiras da Ásia Menor. Neste ponto Barnabé desaparece da narrativa de Atos, mas aparentemente Paulo manteve uma proximidade com ele, pois o cita em ICoríntios 9.6.

- A Segunda Missão à Ásia Menor

A expedição iniciou sua jornada em 49 DC. Eles viajaram por terra “*pela Síria e pela Cilícia, fortalecendo as igrejas*” (15.41). Cada um dos dois grupos passou a revisitar as igrejas que haviam sido fundadas na primeira viagem. Paulo e Silas acabaram chegando a Derbe e a Listra, que tinham sido as últimas cidades visitadas na primeira viagem, onde conheceram Timóteo (16.1).

Provavelmente a mãe de Timóteo foi convertida na primeira visita de Paulo. Os irmãos das duas cidades davam bom testemunho dele, e Paulo decidiu levá-lo, pois viu nele um líder em potencial e um assistente de valor. Porém, Timóteo poderia ser um problema, pois não era circuncidado. Paulo resolveu circuncidá-lo, o que pode parecer uma contradição, já que ele estava anunciando às igrejas as decisões do Concílio de Jerusalém (16.4), e uma delas era a da não necessidade da circuncisão. Mas a mãe de Timóteo era judia, logo não pareceria ser algo que ofendesse os irmãos gentios, pois ele era visto como um judeu, e, principalmente, ajudava no princípio de “*ser tudo para todos*” (ICoríntios 9.22).

Não há muitos detalhes da visita de Paulo à região da Galácia, mas a carta enviada anteriormente por Paulo (Gálatas) e a presença em pessoa trouxe fortalecimento e crescimento (16.5). Em seguida resolveram pregar na região da Ásia e da Bitínia, mas foram impedidos pelo Espírito Santo. Acabaram partindo para a cidade de Trôade, onde Paulo teve uma visão (16.9), chamando-os para a Macedônia.- A Missão à Macedônia

A maneira como foram impelidos a ir à Macedônia é uma prova de como o avanço da Igreja é guiado pelo Espírito Santo (16:6-10). Eles planejavam ir mais para o oriente,



mas esta mudança de direção marca o início da evangelização da Europa e o início do efeito do evangelho na civilização ocidental. Em Trôade, onde Paulo teve a visão, Lucas se junta ao grupo, pois em Atos 16:8 ele diz: “*contornaram...*” e “*...desceram...*” e em Atos 16.10: “*preparamo-nos imediatamente para partir para a Macedônia*”.

Filipos

A primeira cidade da Macedônia onde estiveram foi Filipos. Esta cidade fora fundada por Filipe, pai de Alexandre o Grande, que a fundou como um centro de mineração de ouro e prata que havia na região.

Filipos era a principal cidade da região, era uma colônia romana, e seus habitantes eram cidadãos romanos. Tais cidades costumavam evitar qualquer ação que pudesse desagravar Roma, pois não queriam perder seus privilégios. Sabendo disso, Paulo escreveu-lhes mais tarde: “*A nossa cidadania, porém, está nos céus*” (Filipenses 3.20). Não havia muitos judeus na cidade, por isso não havia uma sinagoga. Por isso eles foram para a beira de um rio, fora da cidade, num sábado, onde esperavam encontrar um lugar de oração (16.13).

Encontraram um grupo de mulheres, e uma das que ouviu foi Lídia, que se converteu e os recebeu em casa. Durante seu ministério em Filipos, Paulo expulsou o demônio de uma escrava que previa o futuro. Seus donos não gostaram de perder sua fonte de lucros e os acusaram de trazer práticas que eles, como romanos, não poderiam aceitar. Isso atiçou a multidão contra Paulo e Silas, que acabaram presos. É importante lembrar que os cidadãos da cidade não gostariam que acontecesse algo que desagradasse Roma, e para eles os ensinamentos dos apóstolos poderia fazê- lo.

Mais tarde Paulo usou a cidadania romana deles como defesa, o que amedrontou os magistrados, pois haviam batido e prendido cidadãos romanos sem julgamento. Isso é uma amostra de como Paulo usava seus privilégios e vantagens seculares em favor do Reino de Deus. E como foi o Espírito Santo quem os guiou para a Macedônia, foi o Espírito Santo quem agiu para tirá-los da prisão (16.25-26). Além do mais, a situação como um todo (a prisão e a libertação miraculosa) serviu para salvar o carcereiro e toda a sua família (16.27-34).

Após Filipos, Lucas deixa de usar a primeira pessoa. Em 16.16 ele diz: “*Certo dia, indo nós para o lugar de oração...*”. Mas na prisão ele não usa a primeira pessoa, e após a libertação ele diz: “*E então partiram*” (16.40), o que indica que Lucas não foi preso com Paulo e Silas, e não seguiu com eles para Tessalônica, ficando em Filipos e servindo como evangelista na região da Macedônia. Além disso, Lucas volta a usar a primeira pessoa quando Paulo passa novamente pela Macedônia (20.5), reforçando a ideia que Lucas havia permanecido em Filipos.

Tessalônica

Tessalônica foi fundada em 315 AC por Cassander, que deu esse nome à cidade em homenagem à sua esposa, que era meio irmã de Alexandre o Grande. Era uma cidade portuária, um centro comercial e era a capital da província. A colônia judia em Tessalônica possuía uma sinagoga, onde Paulo pregou por três semanas. Um relato breve, mas minucioso, é dado sobre o tipo de pregação. Paulo diz que o Messias deveria morrer e ressuscitar (uma ideia nova para os judeus, que pensavam no Messias apenas como um rei) e também diz que Jesus de Nazaré era o Messias. Alguns dos judeus e muitos gregos creram, e mais tarde, ao escrever a Carta aos Tessalonicenses, Paulo diz que eles aceitaram a mensagem “*não como palavra de homens, mas conforme ela verdadeiramente é, palavra de Deus*” (ITessalonicenses 2.13) e que eles “*se voltaram para Deus, deixando os ídolos, a fim de servir ao Deus vivo e verdadeiro*” (ITessalonicenses

1.9). Em vários momentos, em suas duas cartas aos tessalonicenses, Paulo se refere à tensão entre os convertidos e os judeus que não aceitaram a mensagem (IITessalonicenses 2.15-16). A oposição se tornou tão intensa que os evangelistas não puderam permanecer na cidade. Paulo e Silas foram enviados à noite para Bereia.

Bereia

A visita a Bereia foi mais pacífica do que a Tessalônica. A população de lá era menos religiosa, mas ouviram com mais atenção e estudavam as Escrituras todos os dias para confirmar o que Paulo dizia, e como consequência muitos creram (17.11-12). O número de convertidos aumentava, até que os judeus de Tessalônica foram até lá para atiçar o povo contra Paulo. Este teve que fugir para o litoral, e em seguida foi para o sul, em direção a Atenas, deixando instruções para que Silas e Timóteo se encontrassem com ele mais tarde.

– A 1ª Carta aos Tessalonicenses

Conteúdo

As cartas aos tessalonicenses foram escritas por volta de 51 d.C., quando Paulo estava em Corinto, na região da Acaia, com uma diferença de alguns meses entre as duas. A primeira carta foi escrita quando Timóteo chegou a Corinto, vindo de Tessalônica, com notícias da igreja de lá, e possui os nomes de Timóteo e Silas na saudação. Nela Paulo saúda os tessalonicenses por sua prontidão ao trabalho, mesmo sob a pressão dos judeus que eram contra. Paulo também procura corrigir alguns mal-entendidos e erros que cresceram entre eles. A doutrina principal da carta é a volta de Cristo, um tópico que aparece pouco na carta anterior que Paulo tinha escrito aos gálatas. Esta doutrina já havia aparecido na pregação dos apóstolos (Atos 3.21) e de Paulo (Atos 17.31) e também na carta de Tiago (5.7-8), mas a primeira carta aos tessalonicenses foi a primeira discussão completa sobre esta verdade.

Avaliação

Os problemas desta carta são bem diferentes daqueles descritos na Carta aos Gálatas. No geral eles refletem os problemas de gentis convertidos, não de judeus. Questões como fornicação e idolatria são menos prováveis de aparecer em uma comunidade judia por causa da lei, que os disciplinava desde a infância. Os gentios não tinham este fundo moral, e embora os moralistas pagãos colcassem alguns limites, eles não tinham a autoridade de um *“assim disse o Senhor”*. A vida em família e em comunidade também era forte entre os judeus, por isso a igreja de Tessalônica não tinha problemas quanto a isso (4.9-10).

O ensinamento sobre a vinda de Jesus não era inteiramente novo para Paulo, pois mais tarde ele diz ter falado sobre isso quando estava entre eles (IITessalonicenses 2.5). Ele já devia ter conhecido alguns dos ensinamentos de Jesus sobre isso, pois ele diz: *“Dizemos a vocês, pela palavra do Senhor”* (4.15), e ele usou a figura do ladrão que vem à noite (5.4), a qual Jesus usou no mesmo ensinamento (Mateus 24.43, Lucas 12.39-40).

A primeira parte da discussão a respeito do arrebatamento dos vivos e da ressurreição dos mortos (4.13-18) foi, evidentemente, tirada da preocupação dos tessalonicenses por aqueles que já tinham morrido. Eles acreditavam que o Senhor viria, mas o que aconteceria com aqueles que morreram antes de sua vinda?

A segunda parte da discussão (5.1-11) foi evocada pelo desejo de saber quando Jesus retornaria. Paulo replicou dizendo que a resposta estava na consciência

espiritual, ao invés de cálculos especulativos. Se eles estivessem alertas e ativos, esperando bravamente pela volta de Cristo, eles seriam preservados da ira de Deus e não precisariam ter medo.

– A 2ª Carta aos Tessalonicenses

Conteúdo

A Segunda Carta aos Tessalonicenses foi escrita para remover a falsa impressão de que “*o dia do Senhor já tivesse chegado*” (2.2). Talvez a veemência com que Paulo falou sobre o assunto na primeira carta, ou as alusões que ele usou, tenham levado a mal-entendidos. Pode ter sido que eles receberam ensinamentos de fontes espúrias, pois ele escreve: “*não se deixem abalar nem alarmar facilmente, quer por profecias, quer por palavra, quer por carta supostamente vinda de nós*” (2.2), o que pode significar que ele estava repudiando algum ensinamento falsamente atribuído a ele por outros. De qualquer forma, ele quis provê-los com os critérios definitivos pelos quais eles poderiam reconhecer a aproximação do “dia do Senhor”.

Infelizmente, os critérios que eram claros para Paulo e para os tessalonicenses, não são tão facilmente compreendidos hoje. A referência ao “mistério da iniquidade” é difícil de interpretar. Aparentemente três eventos principais serão um presságio da vinda do Senhor:

- 1- Aceleração da apostasia – 2.3;
- 2- O afastamento daquele que detém a vinda da iniquidade – 2.6-7;
- 3- A vinda do perverso segundo a ação de Satanás, o qual se opõe e se exalta acima de Deus – 2.4-9.

Em nenhuma outra carta de Paulo este particular aspecto escatológico aparece tão abertamente. Contudo, era parte integrante da instrução corrente de Paulo, e ele o pregava nas igrejas. A passagem indica que a iniquidade e o mistério de Cristo se desenvolvem simultaneamente no mundo, e que no fim haverá inevitavelmente um choque, no qual Cristo deve vencer e vencerá. O triunfo em si será a volta de Cristo à terra para destruir o anticristo e recompensar os seus santos. A exortação do terceiro capítulo é uma expansão da ordem dada na primeira carta: “*Esforcem-se para ter uma vida tranquila, cuidar de seus próprios negócios e trabalhar com as próprias mãos*” (4.11). Alguns dos tessalonicenses se tornaram tão enamorados da ideia de que a vinda do Senhor poderia libertá-los das maldades e das tensões do mundo, que desistiram de trabalhar e estavam esperando a aparição do Libertador. Eles não estavam em sincronia com o resto da igreja e eram dependentes de outros para sustentá-los (3.6-11). Paulo os advertiu a conseguir o próprio sustento e cuidar dos próprios negócios.

Avaliação

Primeira e Segunda aos Tessalonicenses estão entre os primeiros escritos de Paulo. Elas testificam o fato de que a mensagem que ele pregava não era novidade, e sim já era um corpo estabelecido da fé há algum tempo. A referência de Paulo à sua pregação entre eles (2.15), como sendo o mesmo que ele estava escrevendo em sua carta, mostra que ele tinha um sistema de crença bem definido, e seu uso da palavra “tradição” (2.15 e 3.6) ressalta esta impressão. Para Paulo, “tradição” não significava um rumor transmitido vagamente, de autenticidade duvidosa. Significava um conjunto de instruções que poderiam ser orais, mas era cuidadosamente preservado, e formulado com exatidão. A “tradição” pode ter incluído preceitos éticos, pois ele inferia que era uma regra de conduta que os irmãos poderiam seguir (3.6).

E esta tradição não era apenas autêntica, mas tinha autoridade, não de si mesmo, mas do Espírito Santo (2.13). Praticamente toda a doutrina principal no catálogo da fé está representada nestas duas pequenas cartas. Embora não tenham sido escritas como tratados doutrinários e nem para apresentar a visão teológica geral do autor, elas contêm um conjunto bem formado de ensinamento teológico.

Pontos teológicos principais

- Um só Deus vivente (ITs. 1.9);
- O Pai (IITs. 1.2), que amou os homens e os escolheu para desfrutar da salvação (ITs. 1.4; IITs. 2.16);
- Ele enviou libertação da ira por meio de Jesus, seu Filho (ITs. 1.10);
- Mostrou a libertação por meio da mensagem do evangelho (ITs. 1.5, 2.9; IITs. 2.14);
- Esta mensagem foi confirmada e feita real pelo poder do Espírito Santo (ITs. 1.5, 4.8);
- O evangelho é sobre o Senhor Jesus, que foi morto pelos judeus (ITs. 2.15);
- Ele ressuscitou dos mortos (ITs. 1.10, 4.14, 5.10);
- Ele está agora no céu (ITs. 1.10), mas voltará (IT. 2.19, 4.15, 5.23; IITs. 2.1);
- A ele é atribuída divindade, pois ele é chamado Senhor (ITs. 1.6), Filho de Deus (ITs. 1.10) e o Senhor Jesus Cristo (ITs. 1.1,3; 5.28; IITs. 1.1);
- Os que creem, recebendo a palavra de Deus (ITs. 1:6) se afastam dos ídolos, servem a Deus e esperam pela volta do Cristo (ITs. 1.9-10);
- O crescimento normal de quem crê é em santidade (ITs. 4.3,7; IITs. 2.13);
- Na vida pessoal eles devem ser puros (ITs. 4.4-6), trabalhadores (ITs. 4.11-12), constantes na oração (ITs. 5.17) e alegres (ITs. 5.16).

Na teoria e na prática, as cartas aos tessalonicenses possuem toda a essência da verdade cristã.

3 – AS CARTAS AOS CORÍNTIOS

- Missão à Acaia

Atenas

A cidade de Atenas era uma das maravilhas do mundo antigo. A sua aura era de intelectualismo e genialidade. Na época de Paulo a sua importância comercial já tinha diminuído bastante, mas a sua população era bem ciente do seu passado glorioso, e nutria um grande orgulho disso. Enquanto Paulo esperava por Silas e Timóteo, que estavam vindo da Macedônia, começou a pregar, como de costume (Atos 17.14-16).

Paulo encontrou em Atenas um novo tipo de opositor: o pagão instruído e cínico, que queria ouvir a tudo, mas não estava pronto para acreditar em nada. O interesse dos atenienses foi tanto que levou Paulo a uma reunião do Areópago, o conselho que controlava vários aspectos da vida da cidade. A pregação de Paulo (Atos 17.22-31) é considerada clássica: ele discursa sobre o Deus do universo, criador de todas as coisas, e sobre o propósito do ser humano.

O ministério de Paulo em Atenas parece ter sido frustrante: o seu impacto na sinagoga parece ter sido mínimo e a população pagã considerou a sua pregação boba. O impacto desse tempo difícil em Atenas parece ter sido grande: Paulo escreve aos coríntios, mais tarde, que “*foi com fraqueza, temor e muito tremor que estive com vocês*” (ICoríntios 2.3). Corinto foi a cidade para onde Paulo foi logo após sair de Atenas.

Corinto

Corinto era uma cidade bem diferente de Atenas. Sua população era cosmopolita e a cidade era um centro de comércio, que atraía pessoas de diversos lugares do Mediterrâneo. O crescimento rápido da cidade promovia uma sensação falsa de cultura: Corinto oferecia luxo, sensualidade, esportes e vitrines. Moralmente, a cidade era considerada inferior até pelos padrões do paganismo. “Viver como um coríntio” era uma expressão que significava ter um baixíssimo padrão moral. Paulo ficou um ano e meio nessa cidade (Atos 18.11). Quando chegou lá, seus colegas ainda não haviam chegado da Macedônia e seus fundos provavelmente estavam acabando. Paulo trabalhou como fabricante de tendas com Priscila e Áquila até que seus companheiros chegassem (18.3-5). O ministério de Paulo parece ter sido difícil nessa cidade: ele abandonou a sinagoga e foi pregar aos gentios (18.6-7); foi julgado por um tribunal local (18.12-13); numa certa noite ele ouviu a voz do Senhor encorajando-o a perseverar (18.9-10).

Saindo de Corinto, Paulo se dirigiu a Éfeso, onde ficou pouco tempo (18.20), antes de se dirigir a Antioquia. Depois de ter passado um certo tempo em Antioquia, voltou a Éfeso, conforme havia prometido (18.21).

- Missão à Ásia

Éfeso

Éfeso era a cidade mais importante da província da Ásia e era um ponto estratégico para a evangelização de toda aquela região, uma vez que tinha um porto e estradas que a ligavam a todas as outras cidades importantes da região.

Uma característica importante da cidade era o Templo de Ártemis, uma das sete maravilhas do mundo antigo. Ártemis era uma deusa com muitos peitos e um bloco de pedras no lugar das pernas. O templo não era apenas um lugar de adoração da deusa Ártemis, mas também uma fonte de lucro para os ourives locais. Os habitantes da cidade e, até certo ponto, de toda a região da Ásia, nutriam uma adoração quase irracional à deusa, ao contrário dos demais povos do império romano, que eram bastante envolvidos na religião do império, cujos deuses eram personificados pelos imperadores. Paulo encontrou dois problemas principais em Éfeso:

- Pessoas que só conheciam o batismo de João Batista (Atos 18.24-25, 19.1-7);
- A adoração ao oculto, representada pelos sete filhos de Ceva (Atos 19.13-16), e exemplificada pela queimação de livros de magia por grande parte da população (Atos 19.18-19).

O ministério de Paulo foi particularmente efetivo em Éfeso. Ele pregou com liberdade por mais de dois anos (Atos 19.8-10), primeiro na sinagoga e depois na escola de Tirano. Toda a província da Ásia ouviu a respeito de Jesus (Atos 19.10); Paulo realizou milagres extraordinários (Atos 19.11); a Palavra do Senhor se difundiu e se fortaleceu (Atos 19.20); e o número dos que creram foi tão grande que o comércio da idolatria sofreu perdas econômicas (Atos 19.26-27).

A Igreja de Éfeso se tornou um centro missionário e foi, por séculos, uma das fortalezas do Cristianismo na província da Ásia. Durante sua estadia em Éfeso, Paulo manteve comunicação com as igrejas que havia fundado previamente na Acaia. Uma vez que a igreja de Corinto era composta, na sua maioria, por gentios, que não possuíam o treinamento ético do Velho Testamento, os discípulos eram instáveis e precisavam de muito ensinamento espiritual para alcançarem a maturidade (ICoríntios 3.1-3). Apolo foi de grande ajuda aos coríntios (Atos 18.27-28) e Paulo o recomendou a eles (ICoríntios 16.12). É possível que Pedro também tenha passado algum tempo lá, uma vez que Paulo

o cita em ICoríntios 1.12 e 9.5. Além das duas cartas aos coríntios inclusas no Cânon, há pelo menos uma terceira carta que Paulo escreveu a eles e que foi perdida. Paulo a menciona em ICoríntios 5.9. Essa carta tratava da necessidade dos coríntios se afastarem dos irmãos que estavam cometendo imoralidade.

– A 1ª Carta aos Coríntios

A Primeira Carta aos Coríntios aparentemente não surtiu muito efeito. Depois de Apolo sair de lá, a igreja, sem liderança, caiu em confusão. Rumores preocupantes chegaram ao ouvido de Paulo em Éfeso, por meio de escravos cujos senhores estavam em Efeso. A carta foi escrita perto do fim da estadia de Paulo em Éfeso, pois ele já havia feito planos de sair da Ásia e fazer uma visita mais longa às igrejas da Macedônia e Acaia (ICoríntios 16.5-7). Provavelmente foi escrita no ano de 55 a.D.

Conteúdo

Primeira aos Coríntios é a carta de Paulo mais variada em conteúdo e estilo. Os assuntos abordados variam, desde divisões até finanças, passando pela ressurreição e como se comportar na igreja. Paulo emprega quase todos os estilos de escrita: sarcasmo, lógica, poesia, narrativa, exposição, pedidos e repreensão. No entanto, o tema principal da carta pode ser resumido como a aplicação da cruz de Cristo na vida de um cristão e da igreja.

- A carta contém várias passagens que são de difícil entendimento para o cristão moderno, embora, para os coríntios, certamente foram coisas que faziam parte da sua vida:

- O que significa entregar um homem a Satanás, no que diz respeito à disciplina da igreja (5.5)?

Note, primeiramente, que esse cristão estava praticando imoralidade continuamente, sem se arrepender. Essa passagem não se aplica a um discípulo que tenha pecado com imoralidade ou impureza, em um momento de fraqueza, e que esteja decidido a mudar de vida. Ela se aplica a alguém que, dizendo-se discípulo, esteja praticando imoralidade e não queira se arrepender (ICoríntios 5.11).

Com relação à expressão “*entreguem esse homem a Satanás*”, a explicação mais razoável é que, ao ser expulso do convívio da igreja, que é o domínio espiritual de Deus, e ser lançado no mundo, que está sob a autoridade de Satanás (Lucas 4.6), o cristão estaria sendo entregue a Satanás.

- Batismo pelos mortos (15.29).

Primeiramente note que essa passagem não significa que Paulo estava aprovando a prática de se batizar por pessoas mortas. Não há nenhuma outra passagem na Bíblia que apoie essa doutrina. Pelo contrário, as Escrituras são claras ao afirmar que o destino do homem está selado após a sua morte (Hebreus 9.27, Lucas 16.19-31). Seja qual tenha sido o intuito de Paulo ao usar essas palavras, não foi o de ratificar essa prática.

Pelo contexto é razoável supor que Paulo apenas usou o exemplo de pessoas que se batizavam pelos mortos (provavelmente não-cristãos), como mais um argumento para provar que a ressurreição existe e é essencial à vida cristã (ICoríntios 15.19).

- Dons miraculosos (12-14).

A questão que mais levanta polêmicas nessa passagem é a continuidade do dom de falar em línguas e interpretá-las. Independente da conclusão a que se chegue, o ponto de

Paulo nessas passagens era mostrar que não era aquele o dom que os coríntios deveriam perseguir com mais desejo, e sim os dons que edificam as outras pessoas (ICoríntios 14.1-17).

- O papel da mulher na igreja (11.2-16; 14.33-35).

São duas as maiores polêmicas levantadas por essas passagens: o que significa cobrir a cabeça e a questão do silêncio das mulheres nas reuniões?

Sobre a questão do silêncio, sabemos que Paulo não quis dizer com isso a ausência de palavras, pois em 11.5 Paulo está se referindo a mulheres que oram e profetizam em público. Ora, se a mulher pode orar ou profetizar em público, ela não pode ficar em silêncio da maneira como entendemos a palavra silêncio.

A passagem de ITimóteo 2.9-10 dá luz ao nosso entendimento: à mulher não é permitido ensinar com autoridade onde existirem homens presentes, mas isso não quer dizer que elas não possam orar ou compartilhar mensagens nas reuniões. Se Paulo tivesse querido dizer que as mulheres não podiam falar nada nas reuniões, elas não poderiam nem cantar, o que apresenta vários problemas com relação a outras Escrituras, como Colossenses 3.16.

A 1ª Carta aos Coríntios oferece perspectivas únicas sobre os problemas enfrentados por uma igreja iniciante. Ao enfrentar cada um dos problemas da igreja, Paulo oferece um princípio espiritual para lidar com o problema:

- Para resolver as divisões, a cruz de Cristo (capítulos 1-3);
- Para a imoralidade entre os irmãos, a solução é a disciplina da igreja (5.1-5) até que o irmão se arrependa e seja restaurado;
- Para brigas entre os irmãos, é necessário o envolvimento de outros irmãos (6.1-6);
- No casamento entre um cristão e não-cristão, a preocupação deve ser a de salvar o cônjuge e não afastá-lo (7.10-24);

Embora sejam dados conselhos específicos para cada situação, há dois princípios bíblicos que se destacam na carta: focar em Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, e no amor.

O primeiro problema que Paulo enfrenta é o da falta de união. Os três primeiros capítulos da carta são dedicados a esse tema. Paulo apresenta Jesus Cristo, crucificado e ressurreto, como a solução dos problemas dos coríntios. Nos versículos 1.18-31, ele explica como o nosso foco deve estar nos caminhos e pensamentos de Deus, que são superiores (Isaías 55.8-11), e não nos nossos próprios caminhos e pensamentos.

Uma das raízes dos problemas dos coríntios era que eles ainda não haviam se tornado maduros, ou seja, ainda não haviam submetido suas mentes a Jesus Cristo, para pensarem como ele em tantas questões da vida (I Coríntios 3.1-4). Quando pensamos com a nossa natureza e não submetemos nossos pensamentos a Cristo (II Coríntios 10.4-5), a consequência inevitável é a desunião. Para cada problema que Paulo trataria no resto da carta, ele mostraria o caminho de Jesus.

Mais tarde, quando Paulo está lidando com o problema dos diferentes dons na igreja, ele discursa sobre o outro princípio espiritual, o amor. No capítulo 12, Paulo está dando direções sobre que tipos de dons os coríntios deveriam buscar com mais intensidade.

No capítulo 13 ele fala sobre o mais excelente dos caminhos, o amor, e descreve as suas qualidades intrínsecas.

- No versículo 1, ele ensina que mesmo que façamos acontecer muitas coisas e sejamos muito ativos na vida espiritual, se não tivermos amor, seremos como o som de um

prato que retine, barulhento mas passageiro. Não causaremos impacto na vida das pessoas.

- No versículo 2, ele ensina que mesmo que tenhamos vasto conhecimento, e que nossa fé seja grande, se não tivermos amor, nada seremos.

- No versículo 3, ele ensina que mesmo que sacrificarmos nossas posses, nosso tempo, nossa energia, e até mesmo nossa vida, nada disso valerá nada, se não tivermos amor.

O tema do amor encontra-se em toda a carta aos coríntios:

Nos versículos 8.7-13, Paulo diz que o nosso conhecimento não nos deve levar a fazer coisas que levarão outros irmãos, com menos conhecimento, a pecar.

No capítulo 9, Paulo dá o exemplo da sua própria vida, de como ele, sendo apóstolo, tinha vários direitos, mas, por amor, abdicou de vários deles para não ser uma pedra de tropeço a ninguém.

Nos versículos 10.23-24, Paulo diz que temos liberdade, mas que devemos usá-la de forma a edificar os outros irmãos. Nos capítulos 12 a 14, Paulo demonstra que os melhores dons são aqueles que buscam a edificação dos outros, e não a nossa própria.

No versículo 16.14, Paulo resume a essência da sua carta: “*Façam tudo com amor*”.

- A 2ª Carta aos Coríntios

Conteúdo

A Segunda Carta aos Coríntios, presente no cânon bíblico, difere bastante de ICoríntios. Nela Paulo revela muito da sua vida pessoal e expõe pouca doutrina bíblica. É a carta mais pessoal de Paulo, onde lemos a respeito de suas emoções, desejos, sentimentos, ambições, obrigações e frustrações.

A carta pode ser considerada como uma defesa pessoal de Paulo. As acusações contra ele advinham do grupo de judaizantes, que tendo surgido nas igrejas da Galácia, se espalharam e contaminaram muitos irmãos nas províncias adjuntas.

Paulo foi acusado de:

- Agir de acordo com a carne, segundo padrões humanos (10.2);
- Ser corajoso nas suas cartas, mas um covarde em pessoa (10.10);
- Não levar a si mesmo a sério, por não ter sido sustentando pela igreja enquanto estava com eles (11.7);
- Não ser um dos apóstolos originais, logo não ter autoridade para ensinar (11.5, 12.11-12);
- Não ter recomendações do seu trabalho (3.1);
- Ser orgulhoso (10.8,15);
- Ser enganador e um peso (10.16-17);
- Embolsar as ofertas dadas pelos irmãos (8.20-23).

Há várias passagens clássicas nessa carta. Os capítulos 3 a 5 lidam com a glória da nova aliança: o tesouro incalculável, de Deus habitando em seres humanos fracos, produz imensa glória a Deus. O capítulo 5 traz a teologia por trás do sacerdócio que os cristãos exercem (IPedro 2.9).

Os capítulos 8 e 9 revelam a graça da qual Deus permitiu que participássemos: as ofertas. A descrição do seu ministério, nos capítulos 10 a 12, nos faz refletir sobre o preço que Paulo pagou na sua vida pessoal para cumprir a missão da qual foi instituído.

4 - A CARTA AOS ROMANOS

Paulo tinha planos de voltar a Jerusalém com a oferta dedicada aos santos (20.3) somente por um breve período. Seu plano era passar por Roma em direção à Espanha (Atos 19.21, Romanos 15.23).

Em preparação para essa próxima viagem missionária, Paulo escreve a epístola aos romanos. Paulo tinha inúmeros amigos em Roma. Ele tinha tentado visitá-los em inúmeras ocasiões, mas tinha sido impedido em cada uma delas (1.13, 15.22).

A igreja em Roma era composta, em sua maioria, por gentios, uma vez que Paulo, ao se dirigir a eles os chama de gentios (1.13) e também porque os judeus de Roma não conheciam o movimento, apenas haviam ouvido falar dele (Atos 28.21).

A origem da igreja em Roma é incerta. Havia judeus de Roma presentes em Jerusalém, durante a festa de Pentecostes, quando a igreja começou (Atos 2.10), que podem ter se convertido e retornado com a mensagem de Cristo.

Áquila e Priscila tinham vindo de Roma (Atos 18.2) e, de acordo com Romanos 16.3, haviam retornado para lá. Paulo tinha várias razões para ter um interesse especial por aquela igreja: seu desejo de conhecer a cidade imperial, a necessidade dos cristãos de receberem instrução, seu desejo de impedir o avanço de qualquer movimento judaizante que viesse a se formar lá, e o seu desejo de receber suporte dos cristãos de lá no seu caminho para a Espanha.

Paulo provavelmente também reconhecia o valor estratégico daquela igreja: como todas as estradas levavam a Roma (literalmente), o crescimento e a instrução daquela igreja poderia ser fundamental para a evangelização de todo o império.

A Carta aos Romanos foi escrita como um substituto ao contato pessoal, e como preparação para a futura visita de Paulo àquela igreja. Dessa forma, a carta não é dedicada a corrigir erros da igreja, mas sim a ensinar verdades espirituais.

Data e Local

A carta foi escrita em Corinto ou em Filipo, uma vez que Paulo diz que estava prestes a voltar a Jerusalém (Romanos 15.19, 25 e 26). Foi escrita por volta do ano 60 d.C.

Conteúdo

O tema central da carta de Romanos é o plano de salvação de Deus para o homem. Trata de questões centrais, uma vez que o homem não pode se aproximar de Deus a não ser que siga os métodos estabelecidos por ele.

A carta pode ser dividida, em termos amplos, da seguinte maneira:

- Logo no primeiro capítulo, o evangelho é apresentado como a solução para os problemas da humanidade, o instrumento que Deus escolheu para salvar o homem da situação caída na qual ele se encontra: *“não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê: primeiro do judeu, depois do grego”* (1.16). Logo após, Paulo demonstra a situação do homem, para provar que ele precisa desse poder de Deus para salvá-lo. Em particular, nos versículos 18 a 32, Paulo descreve a situação do homem que não busca a Deus;

- No capítulo 2, Paulo estende a lógica do seu pensamento ao homem judeu. Este, mesmo sendo o povo escolhido de Deus, também se afastou dele; no terceiro capítulo, Paulo reforça e sumariza a situação de todos os homens, independente de filiação religiosa, diante de Deus: *“todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”* (3.23). Uma vez que o homem não tem poder, por si próprio, para se salvar, essa ajuda precisa vir de fora. É aí justamente que entra o poder de Deus, por meio do evangelho, ao qual o homem tem acesso por meio da fé (1.17);

- Nos capítulos 4 a 7, Paulo discursa a respeito da justiça de Deus e da relação entre a lei e a graça. Ele demonstra que a justiça vem por meio da fé, e não por meio da lei (ou das boas coisas que fazemos). Em particular, no capítulo 4, Paulo dá o exemplo de Abraão, que foi o pai dos judeus, e que foi justificado por Deus por meio da sua fé, e não por meio das suas obras. Interessantemente, Tiago, no capítulo 2 da sua carta, também dá o exemplo de Abraão, explicando como a sua fé, que o salvou, agia por meio das suas obras, que simplesmente mostravam que a sua fé era verdadeira (Tiago 2.20-24). No capítulo 7, Paulo discursa a respeito de como é tentar viver uma vida que agrada a Deus em mera obediência à Lei: *"No íntimo do meu ser tenho prazer na Lei de Deus; mas vejo outra lei atuando nos membros do meu corpo, guerreando contra a lei da minha mente, tornando-me prisioneiro da lei do pecado que atua em meus membros. Miserável homem que eu sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte?"* (7.22-24);

- O capítulo 8 é uma resposta à pergunta de Paulo no fim do capítulo 8. O coração do evangelho é exposto: Jesus, por meio da sua morte e ressurreição, pagou o preço que o homem nunca poderia ter pago por si próprio e o libertou definitivamente do pecado (8.1-4). Além disso, liberou o poder de Deus, por meio do seu Espírito, para capacitar o homem a viver de uma maneira que o agrada (8.5-17). Paulo fala da glória que temos reservada nos céus e da impossibilidade de qualquer coisa nos afastar do amor de Deus (8.18-39).

Ironicamente, a única coisa que pode afastar um cristão de Deus é o próprio cristão. Nenhum acontecimento ou circunstância tem o poder, por si mesmo, de tirar o homem desse relacionamento. O problema não são as circunstâncias, mas a maneira como reagimos a ela. Consequentemente, há sempre uma maneira espiritual de responder às diversas situações que acontecem em nossa vida (Romanos 8.5-8, ICoríntios 10.13);

- Nos capítulos 9 a 11, Paulo discursa a respeito da relação existente entre a justiça de Deus e o seu povo escolhido, os judeus. Em particular, a seguinte pergunta é respondida: Será que Deus, ao estabelecer a salvação a todas as pessoas por meio da fé, invalidou a escolha dos judeus, feita por meio da Lei? A resposta de Paulo é um ressoante "Não"! A salvação dos gentios fazia parte do plano de Deus desde o princípio. A recusa dos judeus em aceitar o plano eterno de Deus, que é por meio da fé, é uma situação temporária, até que se cumpra o propósito de Deus de trazer seus escolhidos para a graça (11.25-32);

- Nos capítulos 12 a 14, Paulo fala a respeito do resultado de viver pelo Espírito, o tipo de vida que os cristãos devem levar como resultado de tão grande salvação. Somos chamados a nos sacrificarmos (12.1); não nos amoldarmos ao padrão desse mundo (12.2); sermos humildes (12.3); exercermos os dons que recebemos de Deus (12.6-7); amarmos sinceramente (12.9); sermos zelosos (12.11) etc. Em suma, devemos viver nossas vidas para o Senhor: *"Se vivemos, vivemos para o Senhor; e, se morremos, morremos para o Senhor. Assim, quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor"* (14.8);

- Nos capítulos 15 e 16, Paulo conclui a carta com seus planos pessoais, seus pedidos de orações e seus cumprimentos. Romanos é um ótimo exemplo do poder que a convicção de um homem possui. Paulo foi o apóstolo que mais trabalhou no campo missionário (ICoríntios 15.10). Ele tinha convicção de que o mundo estava perdido e que Deus havia providenciado uma solução, o evangelho, para o problema da humanidade e que essa solução era efetiva.

Como andam as suas convicções a respeito da perdição do mundo e da solução que Deus providenciou para cada pessoa? Você acredita que o evangelho é efetivo para solucionar os problemas da humanidade?

Avaliação

Romanos é considerada a carta mais teologicamente completa do Novo Testamento, onde a exposição da verdade cristã é feita de forma mais sistemática. Enquanto as outras cartas lidam com problemas controversos nas igrejas, Romanos é uma carta amplamente didática. A maioria dos termos técnicos do Cristianismo, como justificação, santificação, adoção e propiciação são provenientes de Romanos.

- Fim da Missão de Paulo

Antes de chegar a Jerusalém, Lucas descreve duas paradas de Paulo em Atos 20. A primeira delas foi na cidade de Trôade, onde Paulo pregou até a meia noite, e a segunda em Mileto, onde Paulo se despediu dos presbíteros da igreja de Éfeso. O resto da viagem de Paulo prosseguiu sem maiores acontecimentos, exceto pelos contínuos avisos que Paulo recebeu para não ir a Jerusalém (21.4,10-11).

Quando chegou em Jerusalém, Paulo foi preso e posteriormente levado a julgamento em Roma. Com a sua chegada em Jerusalém terminou a fase mais ativa da carreira de Paulo. Em pouco menos de uma década, Paulo havia conquistado a liberdade dos gentios do fardo do legalismo. Ele tinha construído uma forte corrente de igrejas desde a Antioquia da Síria e Tarso da Cilícia, passando pela Ásia Menor, Éfeso e Trôade, até a Macedônia, Acaia e Ilírico.

Ele havia escolhido e treinado companheiros como Lucas, Timóteo, Tito, Silas e Aristarco que, na sua presença ou ausência, estavam qualificados para continuar o seu trabalho, na linha de II Timóteo 2.2. Ele havia começado uma literatura de cartas que já era considerada como um padrão de fé e de prática cristã. Mesmo enfrentando inimigos fortes e amargos por quase todos os lugares por onde passou, ele conseguiu estabelecer a igreja gentia em bases sólidas e formulou a essência da teologia cristã à medida que ela lhe foi revelada pelo Espírito Santo.

5 – AS CARTAS DA PRISÃO

Cartas aos Efésios; Colossenses; Filemon e Filipenses

- A Prisão de Paulo

Os últimos capítulos do livro de Atos (21 a 28) narram a prisão de Paulo e sua defesa diante de algumas autoridades. Quando Paulo chegou a Jerusalém, logo entrou em conflito com os judeus, embora tivesse feito todo o esforço para não entrar em controvérsias. Judeus da Ásia se infiltraram no meio dos judeus locais e, causando um tumulto de grandes proporções causaram a prisão de Paulo pelas autoridades romanas.

Na defesa que fez logo após ser preso, os judeus não apresentaram objeções quando Paulo mencionou a luz que o cegou (que, para o judeu, significaria a glória de Deus), nem a glorificação de Jesus, tampouco os conceitos de batismo e arrependimento. Foi somente quando Paulo mencionou que Deus o chamou para anunciar o evangelho aos gentios (Atos 22.21) que a multidão entrou em alvoroço (22.22).

Os capítulos seguintes de Atos apresentam duas defesas de Paulo diante das autoridades. Ele ficou em custódia por quatro anos e, no final desse período, temendo que não seria libertado, apelou para César. Como ele era cidadão romano, Festo viu-se obrigado a enviá-lo a Roma, uma vez que apelar a César era um direito de todo cidadão. A sua audiência diante de César demorou outros dois anos (28.30). O veredito do julgamento não é informado, embora haja fortes evidências de que ele tenha sido solto (II Timóteo 4.16-18).

O período em que Paulo esteve preso de maneira alguma foi infrutífero. Em Jerusalém, era-lhe permitido manter contato com o mundo de fora (Atos 23.16). Em

Roma, ele morou por sua própria conta e “ensinava a respeito do Senhor Jesus Cristo, abertamente e sem impedimento algum” (28.16-31).

As epístolas que Paulo escreveu nesse período demonstram que o crescimento das igrejas não parou depois dele ter sido preso. Além disso, o valor teológico das cartas que ele escreveu na prisão é maior do que toda a sua correspondência até aquele momento (com exceção de Romanos). As cartas escritas por ele na prisão lidam com ensinamentos mais gerais e questões menos específicas. Também revelam uma igreja organizada, que estava amadurecendo rápido.

Paulo escreveu quatro cartas enquanto estava preso: Filipenses, Colossenses, Efésios e Filemon. Todas foram escritas entre os anos de 57 e 61 d.C. Paulo se refere, nessas quatro cartas, ao fato de estar preso (Filipenses 1.12-13, Efésios 3.1, 4.1, 6.20, Colossenses 1.24, Filemon 1).

– Carta a Filemon

Onésimo, um escravo de Filemon, que era um homem de negócios de Colosso, havia fugido para Roma com bens do seu senhor. Lá conheceu Paulo e foi convertido a Jesus (Filemon 10). Vendo a necessidade de corrigir o mal que Onésimo havia feito, Paulo o envia de volta a Filemon, pedindo que este receba o seu escravo e o perdoe. Nessa carta são encontrados todos os elementos do perdão: a ofensa (v. 11, 18), compaixão (v. 10), intercessão (18-19), substituição (18-19) e um novo status no relacionamento (v. 15-16).

Cada aspecto do perdão divino é duplicado no perdão que Paulo buscou para Onésimo. A carta pode ser considerada uma lição prática da oração “*Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores*”.

– A Carta aos Efésios

Tradicionalmente, considera-se Efésios como uma carta circular, escrita a várias igrejas da província da Ásia, cuja cidade mais importante era Éfeso. Isso explicaria a ausência de cumprimentos pessoais de Paulo a uma igreja onde ele passou mais de três anos. A Carta aos Efésios foi escrita e enviada simultaneamente com a carta a Filemon e a carta à igreja de Colosso, cujo mensageiro foi Tíquico (Efésios 6.21, Colossenses 4.7-9). Efésios foi escrita após várias igrejas terem sido fundadas, o que propiciou a Paulo um entendimento maior do organismo que havia nascido. É a única carta do Novo Testamento onde a palavra “igreja” significa o conjunto de todos os irmãos do mundo e não uma congregação local.

Conteúdo

O tema ‘igreja’ permeia toda a carta aos Efésios, que não foi escrita para cristãos novos, mas para irmãos com certa maturidade, que desejavam crescer em conhecimento e vida. Alguns temas reaparecem constantemente nessa epístola:

- A soberania de Deus em estabelecer a igreja (1.4, 5, 9, 11, 13, 20; 2.4, 6, 10; 3.11) marca a primeira parte da carta (capítulos 1 a 3). Nesse trecho é explicado o plano divino de redenção do ser humano;
- No segundo trecho da carta, capítulos 4 a 6, a conduta do cristão é enfatizada na expressão “vivam” (4.1, 17; 5.1, 8, 15), em contraste com a sua maneira antiga de viver (2.1);
- A esfera da atividade do cristão são as regiões celestiais (1.3, 10, 20; 2.6; 3.10; 6.12);



- A dinâmica da vida da igreja é o Espírito Santo, que é o selo da promessa (1.13), o meio de acesso a Deus (2.18), a fonte de revelação da verdade de Deus (3.5), a fonte de poder (3.16), a liga de união (4.3-4) etc.

Avaliação

Vamos percorrer a Carta aos Efésios e fazer observações a respeito de alguns versículos:

- 1.11 Deus é soberano na sua vontade. Ele coordena todas as coisas, todas as variáveis, todos os seres, todos os eventos, para que exatamente aquilo que é de acordo com o propósito da sua vontade aconteça.
- 1.13-14 A vida de um cristão é diferente de todos os outros. Podemos até encontrar pessoas com um caráter moral mais elevado do que alguns irmãos, no entanto não é isso que determina a salvação das pessoas. O que determina se seremos salvos ou não é a presença do Espírito Santo na vida de uma pessoa, que é o depósito que Deus fez, garantindo a nossa redenção no julgamento, no nosso batismo.
- 1.19-20 O poder que age em nós hoje é o mesmo poder que ressuscitou Jesus.
- 1.22-23 A igreja representa a plenitude de Jesus, 100% de Jesus na terra!
- 2.12 Nós nos lembramos de como vivíamos nossa vida antes de conhecermos a Cristo? Sem esperança e sem Deus! Esse entendimento é essencial para que vivamos nossa vida com o poder do Espírito em nossas vidas, cheios de gratidão. Lembre-se que “aquele a quem pouco foi perdoado, pouco ama” (Lucas 7.47).
- 2.19-20 Paulo está enfatizando que pertencer a Deus implica, necessariamente, que pertencemos à sua igreja, e que esta deve estar baseada nos fundamentos dos profetas (Velho Testamento) e dos apóstolos (Novo Testamento).
- 3.8 Paulo revela, mais uma vez, o segredo para termos vidas cristãs amplamente produtivas: precisamos estar cheios de gratidão e apreciação pela nossa salvação. Deus quer que vivamos vidas produtivas (II Pedro 1.5-9) e que demos muitos frutos (João 15.8).
- 3.10 A sabedoria de Cristo é revelada hoje ao mundo por meio da igreja!
- 3.16-17 A nossa oração deve ser para que Cristo nos encha de força no íntimo, para que sejamos cheios do verdadeiro poder, que opera no nosso interior e produz frutos no exterior.
- 3.19 Se o amor de Cristo excede todo conhecimento, como podemos conhecê-lo? Vivenciando-o, experimentando-o. Ninguém entenderá o amor de Cristo se buscá-lo apenas intelectualmente.
- 3.20 Deus faz mais do que pensamos ou pedimos. Esse é um grande encorajamento para que peçamos e sonhemos muito com a nossa vida e com a dos outros!
- 4.11-13 Deus deu dons de liderança a alguns irmãos com o propósito de preparar a sua igreja para o ministério, ou seja, para as boas obras. Os líderes não são superiores ou inferiores a ninguém, até porque há outros irmãos com dons que os líderes não possuem. No entanto, são absolutamente necessários e devem ter o apoio de todos para que possam fazer o seu trabalho (Hebreus 13.17). O alvo final é ajudar cada irmão a alcançar maturidade na sua vida cristã.
- 4.14-16 Essa passagem mostra o resultado da submissão da igreja à sua liderança: não seremos mais enganados por qualquer tipo de doutrina falsa e cresceremos em Cristo. Para isso, no entanto, cada um precisa fazer a sua parte (v.16). Uma ideia muito

popular nos dias de hoje, porém nada espiritual, diz que os líderes da igreja precisam cuidar de todas as coisas na igreja. A Bíblia, no entanto, ensina o contrário. Cada um é chamado a ser discípulo de Jesus e carregar a sua cruz, ou seja, cada um deve viver o seu próprio Cristianismo. O líder apenas direciona a igreja em uma dada direção e a equipa para que possa fazer boas obras (todos precisamos ser treinados para fazer o bem – boas intenções não são o suficiente).

- 4.17 Paulo insiste que não vivamos mais como gentios (como éramos antes).

4.29 Só devemos falar aquilo que edifica e não deixar que palavras torpes (obscenas, nojentas) saiam da nossa boca. Isso não significa que não possamos corrigir uns aos outros de maneira espiritual. Podemos e devemos, em conversas pessoais, ajudar uns aos outros (4.15).

- 5:3 Não deve haver, entre os discípulos, nem menção de imoralidade sexual ou de qualquer tipo de impureza, simplesmente porque essas coisas não são próprias para os santos.

- 5.11 Esse versículo certamente não está dizendo que devemos expor as obras dos não- cristãos; caso contrário, perderíamos todas as nossas amizades. No entanto, não devemos acobertar pecados de irmãos. Quando descobrimos pecados escondidos nas vidas uns dos outros, devemos, em amor, conversar com o irmão e, se necessário, com outros irmãos que possam intervir, seguindo o padrão de Mateus 18.15-17.

- 6.10-19 Nós vivemos em uma batalha espiritual, que não pertence a esse mundo. Portanto, as armas que temos disponíveis também não são desse mundo, mas do mundo espiritual. São armas poderosas para derrubar fortalezas (II Coríntios 10.5-6).

– A Carta aos Colossenses

Colossenses e Efésios são cartas gêmeas: foram escritas no mesmo período e se parecem muito uma com a outra, embora tenham propósitos diferentes. Colossenses, ao contrário de Efésios, foi escrita diretamente para a igreja de Colossos para lidar com doutrinas falsas que estavam surgindo naquela igreja. Os irmãos estavam sendo influenciados por ensinamentos místicos (adoração aos anjos, 2.18 etc.) e que privilegiavam o sofrimento corporal (abstinência de certas comidas e bebidas, observância de festas e dias cerimoniais – 2.16-21 etc.).

Judeus da província da Ásia provavelmente estavam envolvidos no ensinamento de tais doutrinas, uma vez que Paulo menciona ceremonialismos (2.11) e diz que tais coisas são a sombra de coisas que haveriam de vir (2.17). Ora, sabemos que a Lei e muitos dos exemplos do Velho Testamento são a sombra do que haveria de acontecer no Cristianismo (Hebreus 8.5, 10.1, ICoríntios 10.1-6 etc.). Portanto, a descrição de Paulo desses ensinamentos falsos certamente bate com questões ligadas ao Judaísmo.

Paulo combate essas doutrinas falsas com uma apresentação extensa da pessoa de Cristo. Sua linha de argumento é apontar que todas as filosofias, poderes espirituais, observâncias religiosas e restrições são secundários à preeminência de Cristo. Cristo é apresentado como o cabeça da igreja, que comanda todo o corpo e a quem todo o corpo é submisso.

Conteúdo

Excepcional na carta de Colossenses é a passagem de 1.14 a 22, que descreve Cristo. Ela é a continuação de uma oração que Paulo começou no versículo 9. Nela Cristo é descrito em termos que só poderiam ser aplicados ao próprio Deus, como resume o

versículo 2:9: “*Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade*”. Na criação, na redenção, na igreja e na vida pessoal Cristo deve ser o mais importante.

O tema da redenção recebe destaque nessa carta. Redenção é o ato de redimir outra pessoa, ou seja, livrá-la, resgatá-la, libertá-la:

- Em Cristo temos o perdão dos pecados (1.14);
- Pelo sangue da sua cruz somos reconciliados a Deus (1.20-22);
- As dívidas que tínhamos foram canceladas (2.14).

Para combater as doutrinas falsas que apelavam para o misticismo, Paulo revela que em Cristo estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (2.13). A busca pelo conhecimento desse mundo é infrutífera: quando buscamos Cristo, é aí que obtemos o verdadeiro conhecimento, revelado por Deus.

Paulo também chama os colossenses a se focalizarem nas coisas do alto, e não nas dessa terra: “*Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas*” (3.2). A seção prática dessa carta, concentrada nos capítulos 3 e 4, inicia com a conjunção “assim”, dando a entender que, quando obtemos um conhecimento correto da divindade de Cristo, produzimos todo tipo de boa obra em nossa vida. Para Paulo, um entendimento verdadeiro do evangelho produz frutos éticos e morais na vida de uma pessoa.

– A Carta aos Filipenses

Dentre as cartas não escritas a indivíduos, a carta aos Filipenses é a mais pessoal. Paulo usa 100 vezes a primeira pessoa. Ele não estava se gabando, ou defendendo seu ministério pessoal, como em II Coríntios. A igreja de Filípos era leal a Paulo, e ele sentiu que podia falar livremente de suas tribulações e ambições espirituais. Havia passado praticamente uma década desde a primeira visita de Paulo, Silas e Lucas (Atos 16:12) a essa igreja.

Nessa igreja havia muitas mulheres, possivelmente amigas de Lídia (Atos 16:14). Algumas delas, como Evódia e Síntique, nem sempre concordaram entre si (Filipenses 4.2). Durante seu ministério na Macedônia, a igreja de Filípos sustentou Paulo. Mas com sua ida para mais longe, eles não fizeram muito por ele. A igreja de Filípos volta a ajudar Paulo quando sabe que ele está preso em Roma (Filipenses 4.10-14). Foi Epafrodito quem levou para Paulo os presentes da igreja (2.25- 27), e quem voltou para Filípos com a carta que Paulo escreveu (2.28-29).

A data desta carta não é certa, mas o mais provável é que tenha sido escrita no fim do período de quatro anos em que Paulo esteve preso em Roma. Foi necessário algum tempo até que a notícia da prisão de Paulo chegasse a Filípos, e a igreja pudesse enviar Epafrodito. A reputação de Paulo entre os guardas (1.13) e a penetração do evangelho entre os membros do palácio de César (4.22) requereram algum tempo.

O surgimento de dois grupos, um contra e outro a favor de Paulo (1.15-16), não acontece da noite para o dia. A carta não foi escrita com propósito de disciplinar, por haver erros graves ou heresias na igreja. A referência aos judaizantes em 3.2 demonstra ser mais um perigo potencial do que real. Embora a linguagem de Paulo seja veemente, seu propósito maior não é contestar os erros da igreja, e sim instigar os filipenses a viverem de maneira a valorizar a vida celestial (3.17-21).

Conteúdo

Dois tópicos predominam no texto de Filipenses. O primeiro é o evangelho. Paulo fala dele nove vezes.

- Cooperação ao evangelho – 1.5;
- Confirmação do evangelho – 1.7;
- Progresso do evangelho – 1.12;
- Defesa do evangelho – 1.16;
- Maneira digna do evangelho – 1.27;
- Lutando pela fé no evangelho – 1.27;
- Trabalho do evangelho – 2.22;
- Causa do evangelho – 4.3;
- Primeiros dias no evangelho – 4.15.

Não é dada em Filipenses uma definição do evangelho, mas o coração deste está contido em duas frases:

- “...obediente até a morte, e morte de cruz!” – 2.8
- “...tendo a justiça que vem mediante a fé em Cristo” – 3.9

A primeira frase é a boa notícia que Cristo morreu pelos homens. A segunda assegura que o homem pode ser justificado perante Deus. Estes são os dois aspectos do evangelho.

O segundo ponto predominante na carta é a alegria. A perspectiva de Paulo em Roma certamente não era prazerosa, pois seus inimigos procuravam minar seu trabalho e a execução sumária seria uma pena possível, dada pelo julgamento. Contudo, Filipenses pode ser tudo, menos pessimista.

- Paulo era grato por cada lembrança dos filipenses – 1.3;
- Era alegre por Cristo estar sendo pregado, por motivos falsos ou verdadeiros – 1.18;
- Alegrava-se com o crescimento em humildade dos discípulos;
- Era alegre por seu sacrifício por Cristo – 2.17;
- Era alegre pelo interesse demonstrado em ajudá-lo – 4.10.

Por toda a carta a alegria radiante da fé é contrastada com o fundo sombrio de uma circunstância difícil e de um desastre iminente.

Avaliação

Filipenses é uma nota de agradecimento pela ajuda recebida e uma expressão da vida cristã pessoal de Paulo. Há duas passagens excelentes no livro:

• 2:5-11 – expressa a suprema obediência de Cristo à vontade de Deus. Esta passagem foi escrita para ilustrar a humildade para a qual Paulo estava exortando os filipenses. Muito tem se discutido sobre o significado de “esvaziou-se a si mesmo” (2.7).

- Até que ponto Jesus abandonou as prerrogativas de divindade quando veio para o meio dos homens?

- O Senhor Jesus se despiu voluntariamente da glória visível para se vestir da humanidade e para se encontrar com a pena humana em terreno humano, mas ele não deixou de ser Deus.

- Junto com Colossenses cap. 1, Hebreus cap. 1-2 e João cap. 1, esta passagem é uma das passagens que falam da doutrina da encarnação.

• 3.2-15 – expressa a suprema paixão de Paulo por alcançar o alvo para o qual fora chamado por Cristo. Esta passagem é uma pista da motivação que guiava a vida de Paulo. Sua devoção impressionante e seu zelo incansável o coloca entre os grandes líderes da história que devotaram suas vidas a uma causa na qual acreditavam firmemente. Para ele, contudo, a vida era apenas Cristo: ganhá-lo, conhecê-lo, ser encontrado nele, manter o alvo nele, ocupava toda a atenção de Paulo. Filipenses mostra uma vida total em Cristo.

• - *Consequências do Aprisionamento de Paulo*

Apesar de seu aprisionamento em Cesaréia e em Roma, o ministério de Paulo não terminou. Através de seus assistentes e amigos, que eram mencionados nas saudações de suas cartas, ele manteve uma comunicação constante com as igrejas.

O retiro forçado forneceu-lhe mais tempo para oração e contemplação, das quais surgiu a revelação preciosa das cartas na prisão. Seu apelo ao imperador trouxe a atenção do governo romano para o Cristianismo e impeliu as autoridades civis a fazer o julgamento sobre sua legalidade. Se o Cristianismo fosse considerado um culto permitido, a perseguição aos cristãos seria ilegal, e sua segurança estaria garantida.

Se fosse considerado um culto proibido, a perseguição que viria iria apenas fazer propaganda do Cristianismo e ofereceria uma oportunidade para demonstrar seu poder. Na década da missão aos gentios, de 46 a 56 DC, e nos quatro anos da prisão de Paulo, a Igreja saiu da sombra do Judaísmo e ganhou seu próprio lugar como um movimento independente. Estava pronta para avanços maiores na expansão missionária.

6 – AS CARTAS PASTORAIS

E A AUTORIDADE BÍBLICA DO LÍDER - I E II TIMÓTEO E TITO

- *A Igreja Institucional*

O livro de Atos termina com a prisão de Paulo em Roma. Não há um relato histórico único que narre os eventos da igreja do primeiro século após esse período. As informações de que dispomos encontram-se nos livros bíblicos escritos após essa época e nos relatos dos pais da igreja primitiva.

Os livros escritos nessa época não podem ser datados com tanta precisão quanto os anteriormente. As cartas de 1^a e 2^a Timóteo e Tito, chamadas cartas pastorais, porque lidam, em geral, com questões de pastoreio das igrejas que esses homens supervisionavam, foram escritas após a prisão de Paulo.

A biografia presente nessas cartas nos leva a crer que Paulo foi liberto do seu primeiro aprisionamento e preso novamente, algum tempo depois. Alternativamente, ele pode ter sido liberto após sua primeira audiência, por um tempo determinado, até a data de uma segunda audiência. Os lugares que Paulo menciona ter visitado, nesse ínterim, não correspondem a nenhum trecho da narrativa de Atos, o que nos leva a supor, mais uma vez, que essas cartas foram escritas após sua prisão. Paulo já era um homem mais velho (Filemon 9) e dependia cada vez mais da atuação dos homens que havia treinado durante a época mais ativa do seu ministério.

Ele havia deixado Timóteo em Éfeso (ITimóteo 1.3) e Tito em Creta (Tito 1.5) para continuarem o trabalho no ministério. Lucas ainda estava com ele (IITimóteo 4.11), Tíquico tinha sido enviado a Éfeso (4.12) e a presença de Marcos era desejada.

Paulo, pessoalmente, havia estado em Éfeso (ITimóteo 1.3), Creta (Tito 1.5), Nicópolis (3.12), Corinto (IITimóteo 4.20), Mileto (4.20) e Trôade (4.13) e estava em Roma naquele momento (1.17). Ele estava certo de que o fim de sua vida estava próximo (4.6-7). Há uma diferença entre as cartas pastorais, no entanto: ITimóteo e Tito mostram

Paulo ainda ativo, viajando entre as cidades e aconselhando os seus aprendizes em questões do ministério. Já I Timóteo demonstra um tom de despedida (4.6-8).

- A Primeira Carta a Timóteo

Paulo foi liberto no ano de 60 ou 61 d.C. e retornou às suas atividades de missionário. Ao contrário do que tinha imaginado inicialmente (Atos 20.38), Paulo retornou às igrejas da Ásia e constatou certo declínio entre elas, o que pode ser observado pelos seguintes trechos:

- Paulo queria que Timóteo ficasse em Éfeso para “ordenar a certas pessoas que não mais ensinem doutrinas falsas e que deixem de dar atenção a mitos e genealogias intermináveis” (I Timóteo 1.3-4);
- Havia pessoas sem entendimento querendo ser mestres (1.7);
- Havia alguns que haviam rejeitado a fé e a boa consciência, entre eles Himeneu e Alexandre (1.20).

A organização da igreja havia crescido em complexidade. As funções de liderança haviam se tornado fixas e havia pessoas que aspiravam a essas posições (3.1). Paulo lista as condições básicas para que alguém pudesse ocupar tais cargos (3.2-13). As viúvas precisavam inscrever-se na lista de viúvas da igreja para poder receber auxílio financeiro (5.9), o que já pressupõe o caráter de assistência social da igreja.

A teologia da igreja, à medida que ela crescia, começava a diluir-se cada vez mais, e Paulo alerta a Timóteo sobre a importância da sã doutrina (1.10; 6.3).

- Biografia de Timóteo

Timóteo nasceu em Listra, filho de um pai grego e de uma mãe judia. Ele foi criado de acordo com os costumes judaicos e aprendeu as Escrituras desde criança. Paulo o chamou para ser seu aprendiz na sua segunda viagem missionária (Atos 16.1-3, I Timóteo 3.15).

Timóteo permaneceu com Paulo desde aquele momento até o fim. Ele participou da evangelização da Macedônia e da Acaia e ajudou Paulo nos seus três anos de pregação em Éfeso. Lá se tornou familiarizado com a cidade e com as necessidades da igreja local. Ele foi um dos enviados a Jerusalém (Atos 20.4) e esteve com Paulo durante sua primeira prisão (Colossenses 1.1, Filemon 1).

Depois de Paulo ter sido solto, Timóteo viajou com ele e foi deixado em Éfeso para resolver os problemas de que I Timóteo trata. Paulo, por sua vez, foi visitar as igrejas da Macedônia (I Timóteo 1.3). Timóteo provavelmente se juntou a Paulo novamente no fim da sua vida e chegou a ser preso, mas foi liberto (Hebreus 13.23).

Timóteo tinha um caráter confiável, mas não era vigoroso e forte. Ele dava a impressão de ser imaturo, embora certamente tivesse pelo menos 30 anos quando Paulo o deixou em Éfeso (I Timóteo 4.12).

Ele era tímido (I Timóteo 1.7 – a palavra traduzida como covardia na versão NVI significa timidez, medo) e tinha dores de estômago frequentes (I Timóteo 5.23). As epístolas que Paulo escreveu para ele tinham o propósito de encorajá-lo e fortalecê-lo para a tarefa monumental para a qual Paulo o tinha designado.

Conteúdo

A carta de I Timóteo é difícil de ser dividida em tópicos porque possui um tom profundamente pessoal, quase como se Paulo estivesse conversando com Timóteo. O preâmbulo (1.3-17) declara o propósito pelo qual Timóteo foi deixado em Éfeso. Paulo

lembra frequentemente a Timóteo a responsabilidade do seu chamado (1.18; 4.6; 5.21; 6.11,20), como se estivesse tentando impedi-lo de desistir de enfrentar as dificuldades da sua missão.

O trabalho de Timóteo envolvia questões organizacionais e doutrinárias da igreja e exigia que Timóteo enfrentasse as pessoas que estavam causando estrago na igreja. Na última seção (4.6- 6.19), notadamente mais pessoal, Paulo descreve os diferentes grupos da igreja e como tratar cada um deles. O apelo final a Timóteo é clássico (6.11-12, 14): fuga, busque, combata, tome posse e guarde são mandamentos que mostravam a Timóteo o segredo de ter uma vida ministerial vitoriosa.

– A Carta a Tito

A carta a Tito foi escrita depois da primeira carta a Timóteo. Paulo, após sair de Éfeso, foi para a Macedônia e talvez tenha pegado um barco de lá para a ilha de Creta, onde ficou por um tempo, deixando Tito para colocar em ordem o que ainda faltava, e corrigir os erros da igreja.

A situação em Creta era crítica. A igreja estava desorganizada, os homens eram preguiçosos (Tito 1.12) e as mulheres caluniadoras e desocupadas (2.3-5). A pregação da graça provavelmente deu a impressão aos cretenses de que as boas obras não eram necessárias à vida cristã. Paulo exorta os cretenses a se dedicarem a boas obras nada menos que seis vezes nessa curta carta (1.16; 2.7,14; 3.1,8,14).

Embora Paulo tenha dito que a salvação não pode ser alcançada por meio das boas obras (Tito 3.5 – a única coisa que nos salva é o sangue de Cristo – Romanos 3.25, Hebreus 9.22), ele afirma com o mesmo vigor que cada discípulo precisa ser dedicado às boas obras (2.14). Os problemas em Creta tinham duas origens: a natureza preguiçosa dos cretenses (1.12-13) e os judaizantes, com suas fábulas e mandamentos (1.10).

Esses falsos mestres eram diferentes daqueles que causaram problemas na igreja da Galácia, já que o erro dos judaizantes de Creta era a perversão moral, enquanto que os da Galácia advocabam forte legalismo sobre o corpo.

Tito tinha sido companheiro de Paulo por mais de 15 anos. Ele se tornou um discípulo no começo da igreja de Antioquia e provavelmente viajou com Paulo durante sua terceira viagem missionária, uma vez que Paulo o enviou a Corinto para resolver os vários problemas da igreja lá (II Coríntios 7.6-16). Tito parece ter tido um caráter mais forte e vigoroso do que o de Timóteo e parece ter conseguido lidar melhor com a oposição de pessoas.

Conteúdo

O conteúdo e as questões de que Paulo trata em Tito são similares às abordadas em I Timóteo. Aqui, novamente, há uma ênfase no conceito da sã doutrina (1.9, 13; 2.1-2,8). A igreja estava na transição do pioneirismo para tempos onde já era reconhecido um padrão de doutrina considerado saudável.

– A Segunda Carta A Timóteo

II Timóteo é a última carta de Paulo de que se tem registro. É a sua mensagem de adeus a Timóteo. Paulo havia sido preso novamente, por razões que desconhecemos, e sabia que sua vida estava por acabar. Paulo havia sido o representante principal do evangelho aos gentios. Nas cartas pastorais, ele luta para dar as últimas instruções a homens que ele mesmo havia treinado para continuar o seu trabalho. I Timóteo contém suas últimas palavras a um desses homens.

Conteúdo

Esta epístola contém uma mistura de sentimentos pessoais de Paulo e de últimas instruções quanto à organização da igreja e à vida pessoal de Timóteo. Seu propósito principal era fortalecer Timóteo para o trabalho árduo que Paulo estava prestes a abandonar.

Ele relatou o padrão pastoral lembrando a Timóteo da sua própria experiência, e incluindo o jovem Timóteo nela: *“que nos salvou e nos chamou com uma santa vocação”* (II Timóteo 1.9). Com esse chamado em mente, ele chama Timóteo a enfrentar seus problemas como um soldado na guerra (2.3), confiando no plano do seu general, e servindo de todo o coração em cada batalha.

Na vida pessoal e na igreja ele deveria ser sempre o servo do Senhor, nunca entrando em argumentos tolos, mas sempre disposto a ajudar as pessoas a entender a verdade de Deus. A gravura que Paulo pinta dos últimos dias (3.1-17), similar à passagem de I Timóteo 4-3, deveria preparar o coração de Timóteo para alguns dos desafios que estariam por vir.

O antídoto para enfrentar esse fluxo futuro de maldade na igreja era o conhecimento das Escrituras *“que são capazes de torná-lo sábio para salvação mediante a fé em Cristo Jesus”* (3.15). Hoje estamos enfrentando o cumprimento das profecias de Paulo nessa carta. Devemos, portanto, nos perguntar se estamos usando o remédio que Paulo recomendou a Timóteo: a Bíblia. Como anda o seu conhecimento bíblico? Você rejeita as falsas doutrinas e ideias que andam no meio religioso por meio do seu conhecimento das Escrituras?

7 – A AVALIAÇÃO DAS EPÍSTOLAS PASTORAIS

As epístolas pastorais são a fonte mais confiável para entendermos como andava a igreja no período de transição entre a igreja pioneira e a igreja institucionalizada a partir do segundo século depois de Cristo. Duas tendências merecem destaque:

- O crescimento de heresias é mais aparente. Toda carta de Paulo lida com certa oposição à verdade e divergência doutrinária. Gálatas ataca o legalismo, I Coríntios afirma que alguns não acreditavam na ressurreição do corpo, Colossenses lida com problemas filosóficos, etc. No entanto, esses problemas eram esporádicos e pontuais (com a possível exceção do movimento judaizante). Nas cartas pastorais, todos esses erros voltam a aparecer, porém de maneira mais intensa e com um ar de ameaça futura.

- Por causa dessas ameaças, há um enfoque maior em se concentrar na doutrina sadia. A maneira como várias afirmações de Paulo são escritas em formas de credo (conjunto de princípios, normas, preceitos e crenças por que se pauta uma pessoa ou uma comunidade) apontam para a cristalização da doutrina cristã já antes do fim do primeiro século. Em outras palavras, já começava a ser reconhecido, entre as igrejas, a doutrina correta e sadia pela qual cada discípulo e cada igreja deveria se portar.

Conclusão: A Autoridade Bíblica do Líder

As cartas pastorais nos dão uma perspectiva profunda sobre a autoridade bíblica que foi concedida aos líderes das igrejas. Paulo, em 1Timóteo já dizia: “*Saiba como as pessoas devem comportar-se na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade*” (1Timóteo 3.15).

Para que as pessoas soubessem como se comportar, era necessário que alguém as ensinasse e esperasse delas o tipo de comportamento adequado. Hoje esses ensinamentos se fazem ainda mais necessários, porque saímos de um passado onde tínhamos um excesso de autoridade para um presente onde há escassez dela.

Quais princípios norteavam a autoridade que Paulo exerceu sobre Timóteo e Tito e os ensinou a exercerem sobre os outros? Paulo sabia que a essência da liderança era a servidão (1Timóteo 4.10-12; Tito 2.7-8). Ele deu o exemplo a Timóteo e o chamou a imitá-lo (2Timóteo 3.10- 11). Em muitas ocasiões, ao invés de ordenar algo a Timóteo ou a Tito, Paulo simplesmente pediu, recomendou, lembrou ou simplesmente os instruiu (1Timóteo 1.3, 1.18; 2.1; 4.6-7,15; 5.1-2, 14, 21; 6.20; 2Timóteo 2.14, 2.25, 4.1, Tito 2.2-6, 9; 3.1).

No entanto, Paulo também entendia o outro lado da autoridade que havia sido dada a ele, a Timóteo, a Tito e a todos os que Deus levantou para liderar sua igreja. Um líder não pode apenas exortar, aconselhar ou lembrar: precisa ordenar, comandar, dirigir e repreender também, como mostram as passagens de 1Timóteo 1.3; 2.8-9, 12; 4.11; 5.7; 6.17-18; 2Timóteo 4.2; Tito 1.11-13;

Ao líder também cabe ordenar a igreja (Tito 1.5).

Pode haver pessoas que são contrárias à estruturação do líder, mesmo que ele se paute por princípios bíblicos. O que fazer? Não estruturar a igreja? Não. Enfrentar, com paciência e amor, os que lhe são contrários (2Timóteo 2.24-26).

Precisamos de preparo para estudar a Bíblia com as pessoas, para aprender maneiras práticas de exercitarmos o amor cristão, para aconselhar uns aos outros, para lidar com pessoas no nosso trabalho e família, entre inúmeras outras coisas. A não ser que deixemos os nossos líderes nos liderarem em certas direções na nossa vida, nosso crescimento estará comprometido.

Qual é o resultado de uma vida assim? Vivemos como “*crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro*” (Efésios 4.14). Nós, seguidores: como podemos lidar com o medo que aparece quando pensamos em nos submeter aos nossos líderes? Nós, líderes: como podemos lidar com o medo que aparece quando pensamos em exercer nossa autoridade sobre a vida de outras pessoas? A chave é a confiança em Deus.

O dicionário Houaiss define o termo confiança assim: “crença de que algo não falhará, é bem- feito ou forte o suficiente para cumprir sua função; força interior, segurança, firmeza”. A confiança é um termo parecido com a fé. O líder precisa confiar que Deus o colocou na sua posição para ajudar os irmãos e direcioná-los. O seguidor precisa confiar que Deus colocou outros homens para nos ajudar porque, afinal, somos como ovelhas, e facilmente nos perdemos, se não tivermos um pastor.

Por que podemos ter confiança? Porque Jesus foi tentado com as mesmas dificuldades com que somos tentados hoje (Hebreus 4.14-16). Em particular, Jesus foi tentando a ser inseguro na sua liderança, mas não o foi; Porque o sacrifício de Jesus nos limpou para sempre dos nossos pecados (Hebreus 10.14, 19-22).

Não podemos ficar com medo de praticarmos princípios bíblicos por causa de erros

do passado. Precisamos acreditar que a graça de Deus nos perdoou e de que vai perdoar os nossos erros futuros também. Precisamos ter medo é de sermos inertes, omissos (Tiago 4.16) ou rebeldes.

- Porque já vimos incríveis milagres na nossa vida por causa do poder de Deus que agiu em nós por meio da nossa confiança nos seus mandamentos e princípios (Hebreus 10.34-35);

- Porque Deus tem cuidado de nós (Hebreus 13.5-6).

Além disso, viver em medo é ir contra os dois maiores mandamentos, o de amar a Deus e ao próximo. O amor afasta o medo (I João 4.17-18). Precisamos ter a mesma mente de Paulo, quando falou “*Não que eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado, mas prossigo para alcançá-lo, pois para isso também fui alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus*” (Filipenses 3.12-14).

Fontes das pesquisas.

Bibliografia:

Apostila da Primeira Igreja Presbiteriana de Colatina – Panorama do Novo Testamento

www.bibliaonline.com.br

www.ipeaz.org.br